

Saramago por exemplos

Jorge Fernandes da Silveira*

*Os ruídos nocturnos do campo tinham o
condão de acordar no seu íntimo todos os
terrores da infância.*

(Saramago, 1997, p. 128)

*Que palavra ou discurso agora pode
Dizer amor na língua da semente?*

(Saramago, 1970, p. 21)

O dia 8 de outubro de 1998 consagra José Saramago – romancista, poeta, cronista, dramaturgo, contista, memorialista – como o primeiro escritor português a ganhar o Nobel de Literatura. De início, duas considerações são importantes. Em primeiro lugar, ele não é o único português a levar o Prêmio, já que, no início do século, Egas Moniz recebeu o Nobel de Medicina; em segundo lugar, Saramago, homem de raízes sabidamente populares e idéias comunistas, escreve em sua língua materna com um revolucionário sentido de propriedade. Em boa hora, distintos brasileiros e africanos de expressão portuguesa devem sentir-se distinguidos com o reconhecimento da Academia Sueca à língua que na origem os une, sem se esquecer, porém, que o Prêmio foi outorgado a um autor de literatura estrangeira que, com razão, exige que os seus livros no Brasil sejam publicados com a ortografia vigente em Portugal. Europeu, defensor do lugar-comum e da oralidade como fonte da matéria discursiva dos seus textos, partidário da teoria de que um patrimônio cultural lusófono de respeito dependerá da preservação das diferenças das comunidades que o integram e do questionamento dum sentido mais universal de nacionalidade. A esse respeito, **A jangada de pedra** (1986) é exemplar:

A estrada sobe, desce, e logo sobe outra vez, e vai subindo sempre, e quando baixa é apenas para repousar-se um pouco, não são mui altas estas serras, mas fatigam o coração de Dois Cavalos que resfolga nas ladeiras, o cão vai adiante, alceiro. Pararam para almoçar numa pequena casa de pasto à beira

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

da estrada, outra vez o cão desapareceu para ir tratar das suas próprias vianças, e quando voltou trazia sangue na boca, mas a razão já sabemos, não há mistério nenhum, se não tens quem te encha o comedouro, governa-te com o que encontrares. Novamente a caminho, sempre para o norte, em certa altura José Anaiço disse, era a Pedro Orce que se dirigia, A continuar assim vamos entrar em Espanha, voltamos à tua terra, A minha terra é a Andaluzia, Terra e país são tudo o mesmo, Não são, podemos não conhecer o nosso país, mas conhecemos a nossa terra, Já alguma vez foste à Galiza, Nunca fui à Galiza, a Galiza é a terra doutros. (Saramago, 1986, p. 178)

Saramago, sobretudo nos dois últimos romances – **Ensaio sobre a cegueira** (1995), e **Todos os nomes** (1997), manifesta uma vez mais a sua crença num humanismo cuja grandeza está na valorização do que há de extraordinário nas pequenas coisas reais ou imaginárias. Nesses romances, sujeitos anônimos, vivendo um cotidiano miserável em cidades igualmente sem nome e sem fantasia, podem vir a ser as personalidades das grandes transformações. Sejam aquelas que, motivadas por uma cegueira branca e repentina, exigem de todos a demanda de um outro ponto-de-vista e direção:

Estão mortos, não podem fazer nada, disse alguém, a intenção era tranquilizar-se a si mesmo e aos outros, mas foi pior havê-lo dito, era verdade que os cegos estavam mortos, que não podiam mover-se, reparem, não se mexem nem respiram, mas quem nos diz a nós que esta cegueira branca não será precisamente um mal de espírito, e se o é, ponhamos por hipótese, nunca os espíritos daqueles cegos estiveram tão soltos como agora estão, fora dos corpos, e portanto mais livres de fazerem o que quiserem, sobretudo o mal, que, como todo o mundo sabe, sempre foi o mais fácil de fazer. (Saramago, 1995, p. 90)

Sejam aquelas transformações que, impulsionadas pelo acaso, obrigam um apagado auxiliar de escrita do Registro Civil a procurar e a encontrar num nome de mulher todos os nomes que dão um novo sentido à distinção entre mortos e vivos, numa narrativa com surpreendentes lances à Hitchcock (o medo da altura, a vertigem, a mulher perseguida), Welles/Kafka (a peregrinação por labirintos de processos asfixiantes) e Spielberg (o pesadelo da pedra rolante):

Medo, o que se chama medo, o Sr. José não o teve até ao momento em que chegou ao fim do corredor e se encontrou com a parede. Baixara-se para examinar uns papéis caídos no chão, que bem podiam ser os da mulher desconhecida, largados ali ao acaso pelo funcionário indiferente, e de repente, antes mesmo de ter tempo de os examinar, deixou de ser o Sr. José auxiliar de escrita da Conservatória Geral do Registo Civil, deixou de ter cinquenta anos, agora é um pequeno José que começou a ir à escola, é a criança que não queria dormir porque todas as noites tinha um pesadelo, obsessivamente o mesmo, este canto de parede, este muro fechado, esta prisão, e além, no outro extremo do corre-

dor, oculta pela treva, nada mais que uma pequena e simples pedra. Uma pequena pedra que crescia lentamente, que ele não podia ver agora com os seus olhos, mas que a memória dos sonhos sonhados lhe dizia lá estar, uma pedra que engrossava e se movia como se estivesse viva, uma pedra que alastrava para todos os lados e para cima, que subia pelas paredes, e que avançava para ele arrastando-se, enrolada sobre si mesma, como se não fosse lama, mas sangue grosso. (Saramago, 1997, p. 174-175)

Tais prodígios e milagres, de criaturas cheias de humanidade, refletem-se num Cristo dividido entre a fidelidade ao destino de santo-mártir e a entrega à sexualidade de homem que casa e procria, como se lê n' **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991), a mais polêmica criação dum ateu que respeita os fiéis mas descrê das instituições religiosas:

Não estás em estado de andar, disse ela, entra, que eu trato-te dessa ferida. Jesus não disse nem sim nem não, o odor da mulher entontecia-o, a ponto de ter-lhe desaparecido, de um momento para o outro, a dor que lhe dera ao abrir-se a chaga, e agora, com um braço por cima dos ombros dela sentindo a sua própria cintura cingida por outro que evidentemente não podia ser seu, apercebeu-se do tumulto que lhe trespassava o corpo em todas as direcções, se não fosse mais exacto dizer sentidos, porque neles, ou em um que tem esse nome, mas que não é o ver nem o ouvir nem o cheirar nem o gostar nem o tocar, podendo no entanto levar de cada um deles uma parte, aí é que ia bater tudo, salvo seja. (Saramago, 1991, p. 277-278)

Movido pelo amor e pela fraternidade - criador de personagens femininas inesquecíveis como a Blimunda do seu romance mais famoso, **Memorial do Convento** (1982),

Este ferro não serve, tem uma racha por dentro, Como é que sabes, Foi Blimunda que viu, o padre virou-se para ela, sorriu, olhou um e olhou outro, e declarou, Tu és Sete-Sóis porque vês às claras, tu serás Sete-Luas porque vês às escuras, e, assim, Blimunda, que até aí só se chamava, como sua mãe, de Jesus, ficou sendo Sete-Luas, e bem baptizada estava, que o baptismo foi de padre, não alcunha de qualquer um. Dormiram nessa noite os sóis e as luas abraçados, enquanto as estrelas giravam devagar no céu, Lua onde estás, Sol aonde vais. (Saramago, 1982, p. 90)

ousado leitor de Fernando Pessoa que, n' **O Ano da morte de Ricardo Reis** (1984), inventa uma ficção que reinterpreta, magistralmente, a ficção heteronímica pessoana,

Fernando Pessoa sentou-se no sofá com um movimento fatigado, levou a mão à testa como se procurasse acalmar uma dor ou afastar uma nuvem, depois os

dedos desceram ao correr do rosto, errando indecisos sobre os olhos, distendendo as comissuras da boca, acamando o bigode, tateando o queixo delgado, gestos que parecem querer recompor umas feições, restitui-las aos seus lugares de nascença, refazer o desenho, mas o artista tomou a borracha em vez do lápis, onde passou apagou, um lado da cara perdeu o contorno, é natural, vai para seis meses que Fernando Pessoa morreu. Vejo-o cada vez menos, queixou-se Ricardo Reis, Eu avisei-o logo no primeiro dia, com o passar do tempo vou-me esquecendo, ainda agora, ali no Calhariz, tive de puxar pela memória para encontrar o caminho de casa, Não devia ser-lhe difícil, bastava lembrar-se do Adamastor, Se pensasse no Adamastor mais confuso ficaria, começava a pensar que estava em Durban, que tinha oito anos, e então sentia-me duas vezes perdido, no espaço e na hora, no tempo e no lugar (Saramago, 1984, p. 330-331),

o Prêmio Nobel de Literatura deve ser homenageado pelo seu seguro e coerente domínio da narrativa, em que é notável a sua maneira de compreender o texto literário como um objeto socialmente relacionado com a subjetividade do autor, com o poder de despersonalização do narrador e com a cultura em que ambos vivem num determinado tempo da História. Em termos ficcionais, a história dos sucessos do autor da **História do cerco de Lisboa** (1989) (“... senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender...” p. 1.073), começa em 1980 – há 33 anos da publicação do primeiro romance, **Terra do pecado** (1947), 4 do segundo, **Manual de pintura e caligrafia** (1976) –

Despeço-me dos mortos, mas não para os esquecer. Esquecê-los, creio, seria o primeiro sinal de morte minha. Além disso, após esta viagem de escrever tantas páginas, fez-se-me convicção que devemos levantar do chão os nossos mortos, afastar dos seus rostos, agora só osso e cavidades vazias, a terra solta, e recomeçar a aprender a fraternidade por aí. (Saramago, 1983, p. 238) –

e 6 anos depois da Revolução de 25 de Abril de 1974 – com o lançamento de **Levantado do chão**, romance hoje paradigmático de duas das características mais marcantes do estilo do Autor: o interesse pela pesquisa das fontes em busca das relações entre o fato histórico e a ficção do fato histórico, e a luta pela desconstrução do poder assentado na **LEI** três vezes autoritária, **L**(atifúndio) **E**(stado) **I**(greja):

Então chegou a república. Ganhavam os homens doze ou treze vinténs, e as mulheres menos de metade, como de costume. Comiam ambos o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos. A república veio despachada de Lisboa, andou de terra em terra pelo telégrafo, se o havia, recomendou-se pela imprensa, se a sabiam ler, pelo passar de boca em boca, que

sempre foi o mais fácil. O trono caíra, o altar dizia que por ora não era este reino o seu mundo, o latifúndio percebeu tudo e deixou-se estar, e um litro de azeite custava mais de dois mil réis, dez vezes a jorna de um homem. (Saramago, 1980, p. 33)

Referências bibliográficas

- SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1980.
- SARAMAGO, José. **Manual de pintura e caligrafia**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1983.
- SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. Lisboa: Caminho, 1986.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. Lisboa: Caminho, 1989.
- SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. Lisboa: Caminho, 1982.
- SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1984.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. Lisboa: Caminho, 1982.
- SARAMAGO, José. **Terra do pecado**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1997.
- SARAMAGO, José. **Provavelmente alegria: as palavras de amor**. Lisboa: Livros Horizonte, [1970].
- SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. Lisboa: Caminho, 1997.

